

Ditadura militar e relações de gênero: problematizando o ensino de História por meio das ideias históricas de estudantes do Ensino Médio

Military Dictatorship and gender relations: problematizing the teaching History through the historical ideas of High School students

Elaine Prochnow Pires¹

Cristiani Bereta da Silva²

Resumo: Este artigo é recorte de pesquisa realizada no curso de Mestrado em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e busca discutir as ideias históricas de jovens estudantes sobre a representação das mulheres e das relações de gênero no ensino de história do Brasil, aqui, no período da ditadura militar brasileira. A pesquisa foi realizada numa turma de Ensino Médio, por meio de análise de conteúdos sobre a ditadura militar selecionados a partir do livro didático usado pelos(as) estudantes em 2015. A discussão metodológica pautou-se em propor atividades específicas em sala de aula, visando apurar sensibilidades e desenvolver olhares mais críticos sobre questões de gênero, feminismo e história das mulheres. O resultado final dessas atividades constituiu-se na elaboração de textos escritos pelos(as) estudantes. Esse artigo analisa tanto as atividades propostas quanto as narrativas construídas pelos(as) estudantes sobre o tema.

Palavras-chave: Ideias Históricas; Relações de Gênero; Ensino de História.

Abstract: This article is a research study carried out in the Master's Degree in History Teaching (ProfHistória) at the State University of Santa Catarina (UDESC) and seeks to discuss the historical ideas of young students about the representation of women and gender relations in the Teaching of Brazil's History, here, during the period of the Brazilian military dictatorship. The research was carried in a high school class, through analysis of contents of military dictatorship selected in textbooks used by the students in 2015. The methodological discussion was focused on proposing specific activities in the classroom, aiming to establish sensitivities and develop more critical views on issues of gender, feminism and women's history. The final result of these activities was the writing of texts written by the students. This article analyzes both the proposed activities and the narratives constructed by the students on the subject.

Keywords: Historical Ideas; Gender Relationships; Teaching History.

Introdução

Em tempos de movimento “Escola Sem Partido”¹, em que segmentos ultraconservadores da sociedade brasileira tentam, por meio de projetos de lei, vetar toda e qualquer discussão de gênero, entre outros temas políticos importantes nas escolas, este trabalho

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestra em Ensino de História (UDESC). Professora da Educação Básica da rede pública do Estado de Santa Catarina. E-mail: elaine.prochnow@yahoo.com.br

² Doutora em História. Professora do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação em História, em Educação e do ProfHistória da UDESC. Bolsista produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). cristianibereta@gmail.com

reafirma a irrenunciável necessidade de se trabalhar com relações de gênero e questões que lhe são concernentes em sala de aula. Em que pese o fato de que a história das mulheres e questões de gênero têm se ampliado no espaço escolar a partir da década de 1980 – na esteira da reordenação curricular das escolas e da incorporação dos “novos temas e problemas” como saberes históricos escolares – ainda há muito que fazer nesse campo. Pesquisa realizada por Angela Ribeiro Ferreira (2005) levantou questões pertinentes e consequentes ao ensino de História no presente. Em sua análise da história do Brasil em livros didáticos, a autora argumenta que a incorporação da história das mulheres e relações de gênero se deu no âmbito da superfície, e não da estrutura. Ou seja, o texto principal não foi alterado, manteve sua clássica organização, e a incorporação desse tema se deu por meio de *boxes* e seções. Análise semelhante chegou Cristiani Bereta da Silva (2007) quando indica que a incorporação de renovação historiográfica visível nos livros didáticos, especialmente a partir da década de 1990, se deu por meio de *links*, *boxes*, textos dentro de outros textos, bem como com uma pluralidade de imagens. Recursos que, de certa forma, abriram apenas “parênteses” para que questões que envolvessem aspectos da vida cotidiana, privada e, assim, por associação histórica, da história das mulheres e das relações de gênero, fossem abordadas.

Mesmo considerando que os(as) docentes possam sim abordar esses temas à revelia do que propõem os livros didáticos, é certo que cotidianamente ele ainda é bastante usado nas salas de aula e sua forma de organizar e apresentar os conteúdos históricos ressoa, de alguma forma, na prática docente. Não se está falando, aqui, numa relação de subordinação dos professores e professoras em relação aos conhecimentos, representações, discursos contidos nesses livros, já que certamente essa relação implica diferentes usos, bem como a criação de exercícios de subversão da organização dos conteúdos e atividades, inicialmente propostos pelo impresso. Defende-se sim a importância de abordagem de um tema que ainda não está totalmente incorporado aos processos históricos relevantes para formar as futuras gerações. É nessa chave que este artigo busca atuar, no sentido de contribuir com uma proposição metodológica para a Educação Básica que discuta a relevância e a representação das mulheres na história do Brasil por meio das ideias históricas de estudantes do Ensino Médio.

Além disso advoga-se que a invisibilização das mulheres nos manuais didáticos e no ensino de História constitui-se em dispositivo limitador no processo de formação de identidades mais plurais e de uma sociedade mais equânime e justa. Sabe-se que a História é um campo de conhecimento em que narrativas sobre ações, sujeitos, acontecimentos, memórias etc. são construídas num campo de forças que elege aquilo que é considerado mais relevante para ser

lembrado, ensinado, enfim, legado às gerações futuras. Pensar a construção do conhecimento histórico por meio dessa dinâmica é urgente para a compreensão da secundarização ou mesmo do caráter subalterno que alguns grupos adquirem em determinadas narrativas. Por outro lado, não interessam aqui narrativas históricas que contem a saga de heroínas ou mártires, mas que incluam as mulheres e as relações de gênero como parte indissociável dos processos, das lutas, das tensões e contradições de cada época.

A escola é aqui pensada como espaço privilegiado para a discussão da aproximação entre reflexão teórica e prática na qual os estudos de gênero possam ser vistos tanto no fazer pedagógico quanto no cotidiano social em que os (as) estudantes estão inseridos(as). Jimena Furlani (2011), ao refletir sobre as discussões de gênero, evidencia o papel da escola como responsável pela disseminação de informações e formação de opiniões. Para essa pesquisadora a sociedade é plural e é função da escola tanto refletir essa pluralidade quanto discutir diferentes formas de exclusão e preconceitos que emergem nas relações interpessoais.

Outro ponto relevante relacionado aos estudos de gênero é a compreensão de seu caráter social e histórico, concebendo a percepção das diferenças no âmbito da igualdade de direitos. Cabe à escola debater questões tão cruciais para o desenvolvimento humano como a exclusão social e o preconceito, especialmente o de gênero. Estes se constituem em verdadeiros entraves ao pleno desenvolvimento dos valores humanitários, na medida em que se traduzem em conceitos que discriminam, tratando iguais como desiguais e inferiores.

A partir dessas reflexões, a presente proposta buscou pensar as seguintes questões: como os(as) estudantes se apropriam das discussões nas quais o papel das mulheres e a construção social das diferenças são debatidos? Qual o impacto dessas discussões na reelaboração das ideias históricas iniciais dos(as) estudantes? Indagações que a pesquisa levada a cabo no mestrado em ensino de História se propôs a pensar, sem caráter definitivo ou mesmo conclusivo, mas que podem fazer surgir novas possibilidades de investigação, bem como abrir caminhos para a transformação de olhares sobre os lugares sociais ocupados por cada uma e cada um na construção de uma sociedade menos desigual.

O trabalho de campo foi realizado na Escola de Educação Básica Adolfo Böving, no município de Braço do Trombudo², Santa Catarina. Uma escola da rede estadual de ensino composta por aproximadamente duzentos e cinquenta estudantes matriculados do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Na cidade, e isso se reflete no ambiente escolar, é comum encontrar pessoas que relacionam a ditadura militar a um período de ordem. Muitos(as) estudantes expressaram isso

ao relatarem que seus pais veem como positivo o retorno dos militares ao poder. A principal justificativa recai sobre o retorno da ordem, do respeito à hierarquia etc. Eles (os pais) retomam seus períodos escolares, dando exemplo do respeito que se tinha com a hierarquia escolar. Analisa-se que esse olhar se deve em especial à distância dos centros onde ocorreram maiores violências, onde se formaram os grupos de resistência ao regime. A cidade de Braço do Trombudo era essencialmente rural naquele período, assim como outras em vários estados brasileiros, apesar da industrialização que ocorria em larga escala no país, como afirma Cristina Scheibe Wolff (2010). Essa característica interiorana pode ser considerada um dos fatores que levaram as pessoas que viveram o regime militar a não perceber de maneira efetiva os prejuízos de naturezas diversas sofridos pelos brasileiros.

O *corpus* documental do trabalho tem como foco principal as narrativas dos(as) próprios(as) estudantes³, produzidas em forma de textos dissertativos em diferentes etapas. O processo metodológico empreendido nesta pesquisa aconteceu na escola onde os próprios sujeitos pesquisados estudam. Esses(as) estudantes produziram narrativas a partir de sequências didáticas que instigaram a reflexão sobre a importância e a representação das mulheres na história do Brasil. As narrativas foram analisadas por meio de quadros que organizaram as principais ideias dos(as) estudantes quantificando a repetição de tais ideias para que se pudesse compreender o que mais chamou atenção do grupo. Entende-se como sequência didática um conjunto de atividades distribuídas em aulas e objetivando reflexão quanto ao tema pretendido. A sequência considera a importância das intenções educacionais na definição dos conteúdos de aprendizagem e o papel das atividades propostas (ZABALA, 1998).

Tomaram-se como fundamentação para as análises os conceitos de narrativa histórica (RÜSEN, 2011) e educação histórica (RÜSEN, 2009), imbricados de forma a dar significância para a vida prática dos sujeitos envolvidos. Pode-se afirmar que todo espaço de experiência gera um horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006). Nesse sentido, o olhar para o espaço de experiência precisa ser transformado para que o horizonte de expectativa seja ampliado ou modificado. Igualmente, a compreensão histórica do papel das mulheres na construção da sociedade brasileira pode transformar o horizonte de expectativas futuras a partir da transformação de conceitos antes preestabelecidos e agora desnaturalizados e reconstruídos.

A pesquisa com as narrativas dos(as) estudantes teve como principal objetivo investigar suas ideias históricas sobre a atuação das mulheres no passado e no presente e como isso é representado nos livros didáticos de História. Sendo este artigo recorte dessa pesquisa, objetivou-se aqui identificar a atuação de mulheres na luta contra o regime ditatorial,

identificando formas de resistência e a maneira como esses registros são representados em livros didáticos.

Na pesquisa levada a cabo, para que os objetivos fossem alcançados foram criadas – num primeiro momento – atividades em que os(as) estudantes precisaram elaborar narrativas escritas. Num segundo momento as narrativas foram analisadas utilizando especialmente aportes de estudos desenvolvidos por Jörn Rüsen (2009, 2011) sobre consciência histórica, formação histórica e narrativa histórica; Joan Scott (2005) sobre igualdade de gênero, estudos de gênero e representações; Joana Maria Pedro (2005) e Guacira Lopes Louro sobre a categoria gênero nas análises históricas e questões de gênero na Educação. Segundo Jörn Rüsen (2011), a narrativa mobiliza o tempo passado por meio da memória trazendo-o para o presente, tornando a expectativa do futuro possível. Assim, a narrativa histórica organiza internamente as três dimensões temporais dando um sentido de continuidade ao mesmo tempo que possibilita orientação da vida prática.

A escola, para além de todas as suas atribuições e manifestações, constitui-se em espaço de produção de diferenças, desde o acesso até as distinções feitas entre os sujeitos que a frequentam. “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (LOURO, 1997, p. 58). Assim, coaduna-se com Louro (1997) quanto a sua discussão do conceito de gênero e de materialização deste nos espaços escolares, da produção das desigualdades até as representações causadas por textos e imagens do material utilizado para ensinar História. As informações contidas nesses materiais “podem permitir que alguns pretendam chegar, algum dia, a ser iguais ao herói e que outras e outros não se coloquem essa meta, seja por não a considerarem atrativa, seja por não se julgarem dignos/as dela” (LOURO, 1997, p. 59).

Estrutura das sequências didáticas implementadas

Uma sequência didática precisa atentar para a importância do que será ensinado a partir dos conteúdos e em que medida as atividades propostas suprem os objetivos delimitados (ZABALA, 1998). A série das sequências didáticas desenvolvidas pretendeu abordar os conteúdos de maneira problematizadora, de forma a instigar o desejo investigativo dos(as) estudantes acerca das lacunas de registro da história das mulheres e sua importância na sociedade. Os(as) estudantes “consideraram ser a História um conhecimento importante, mas

teria de ser relacionado com a compreensão do presente e das suas próprias vidas” (SCHMIDT; BRAGA, 2006, p. 18). Nessa perspectiva, as sequências didáticas foram ao encontro dessa premissa, buscando refletir a partir do conteúdo histórico entrelaçamentos para a vida prática no tempo presente.

Lindamir Zeglin Fernandes (2004) propõe uma ordem para a constituição das sequências didáticas tomadas como eixo metodológico nesse trabalho. A primeira implicou estudar os elementos fundamentais constitutivos da unidade temática investigativa, ou seja, definir a temática de estudo. Num segundo momento instigou-se a produção de textos produzidos pelos(as) estudantes sobre a temática. E, por fim, categorizaram-se e analisaram-se as ideias históricas elaboradas nos textos a fim de se identificar a eficácia pedagógica da metodologia de trabalho estabelecida. A utilização da unidade temática investigativa nas aulas de História faz com que a aprendizagem da disciplina tenha mais sentido para os(as) estudantes. O uso de tal estrutura de atividade como proposta metodológica de trabalho para professores e professoras de História tem o propósito de tornar a aprendizagem exitosa na produção de experiências orientadas em sala de aula (FERNANDES, 2004).

O recorte temático da pesquisa se refere a quatro capítulos do livro didático *História*, de Ronaldo Vainfas (2013), sobre história do Brasil (livro de História usado no Ensino Médio da escola), direcionando as atividades e discussões à compreensão da história das mulheres e sua representação na sociedade em cada período estudado. A turma trabalhou com os conteúdos no período de um semestre, iniciando com a Era Vargas (1930 a 1945), Período Democrático (1945 a 1964), Ditadura Militar (1964 a 1985), Conquista da Democracia até o governo Dilma Rousseff (2015). Optou-se por esse período em razão da proximidade com o tempo presente, bem como das polêmicas acerca dos pedidos de retorno da ditadura militar no Brasil, podendo-se dessa forma utilizar instrumentos de informação mais próximos dos adolescentes, como as redes sociais.

Outro fator importante para justificar a escolha do recorte se dá nos períodos da história do Brasil trabalhados nas sequências didáticas. A Era Vargas pode ser considerada marco na modernização do Estado brasileiro, pois se deixa um governo oligárquico para dar lugar a uma burguesia industrial no poder. As lutas sindicais começam a se estabelecer com mais força no Brasil, e as mulheres são elemento ativo dessas reivindicações de melhores condições de trabalho. Além disso, o período ditatorial foi marca de levante político no qual a esquerda se mostra preocupada com a situação do país lutando, apesar da tortura e censura estabelecidas. E, por fim, a redemocratização, que se estabelece nas tentativas de transformar o Brasil em país

com direitos equitativos a todos(as) os(as) cidadãos(ãs), chegando à contemporaneidade, com uma mulher na Presidência da República⁴.

É no centro das discussões sobre os entrelaçamentos entre ensino de História e relações de gênero que se percebe a invisibilização das mulheres na história. A carência dos registros em manuais didáticos confirma que a memória preservada não é a de todos os grupos humanos (MIRANDA, 2013). A partir da premissa de que mulheres e homens constroem a sua história diariamente, pensou-se nas sequências didáticas descritas a seguir como instrumentos de visualização ampla dessa construção histórica, de maneira a buscar transformação de olhares acerca da história das mulheres e das questões de gênero dialogadas no ensino de História.

A proposição das sequências didáticas apresentadas objetiva mobilizar discussões em que a formação identitária e a ampliação da consciência histórica permeiem os objetivos no ensino de História. Para além disso, o trabalho realizado com os(as) estudantes intencionou indicar algumas ferramentas de leitura e análise crítica de textos, em especial nos manuais didáticos, por meio das quais se pode identificar a representação das mulheres na construção histórica da sociedade à qual pertencem.

Sequência didática sobre a Ditadura Militar

A sequência didática privilegiada neste artigo recorta apenas a que trata da ditadura militar brasileira (1964-1985), intitulada pelo autor do livro didático como “Brasil: a República dos generais”. A pergunta norteadora foi: como eram a participação social e o espaço ocupado pelas mulheres no período da ditadura militar no Brasil? E para responder a essa indagação os(as) estudantes procuraram identificar a participação das mulheres na luta contra a ditadura militar no Brasil. Ao se tratar de um movimento violento, imediatamente a associação com o masculino é levantada, em razão da força física, do manuseio com armas. No entanto, o objetivo central nesse caso foi dar a ver e a ler as tantas mulheres que lutaram de igual para igual com os homens contra o regime militar brasileiro.

No primeiro momento, os(as) estudantes foram orientados(as), previamente, a pesquisar sobre o tema, especialmente aqueles que publicaram notícias e posições sobre os pedidos de retorno da ditadura militar. Deve-se informar que a sociedade brasileira depara-se com uma crise política, desde a eleição do primeiro presidente vindo das camadas populares, Luiz Inácio Lula da Silva⁵, que teve governo pautado em políticas públicas voltadas às populações mais pobres. Essa crise se acirrou com a eleição e reeleição da presidenta Dilma Rousseff⁶. À crise política somam-se a crise econômica e uma rediscussão da identidade do Brasil e dos brasileiros

com forte guinada para movimentos conservadores de cunho religioso ou não. Em meio a esses debates um grupo de pessoas contrárias ao governo de Dilma Rousseff passou a manifestar opiniões nas redes sociais e em passeatas públicas pedindo intervenção militar, a exemplo de 1964. Nesse sentido, percebeu-se a necessidade de problematizar a temática, bem como aprender a ler criticamente as notícias com que somos bombardeados(as) diariamente pela mídia e pelas redes sociais. Então, os(as) estudantes trouxeram as postagens impressas para a escola e fizemos um mural em sala de aula, com o fim de analisá-lo a partir das discussões da problemática proposta.

O segundo momento da sequência didática foi a análise das postagens do mural, discutindo o teor destas, sempre com questionamentos baseados em registros históricos. Propôs-se uma atividade na qual os(as) estudantes produziram um texto respondendo se eram contra ou a favor do retorno do regime. Entregues os textos, os(as) estudantes iniciaram a leitura do texto do livro didático a respeito da ditadura militar, confrontando as informações que obtiveram na *internet* com as informações históricas contidas no material de leitura. Concluída essa etapa, iniciou-se discussão sobre o que leram e as impressões que tiveram, comparando o texto do livro com as postagens e a narrativa que entregaram. Esse momento serviu para reflexão e incitou o debate sobre aceitar ou não tudo o que vemos, lemos ou ouvimos.

Para o terceiro momento da sequência didática, os(as) estudantes analisaram o depoimento do senhor Antônio Hiller⁷, que falou a respeito da sua experiência no período ditatorial. A entrevista foi realizada pelos(as) estudantes em uma conversa com o *opa*⁸, em que eles(as) puderam ter a experiência de ouvir memórias e compreender o processo da narrativa histórica por meio da análise do depoimento. A conversa foi norteada por questionário, elaborado previamente em sala de aula, sendo gravada, com a devida autorização do entrevistado. Após ouvir e discutir o depoimento os(as) estudantes produziram um novo texto sobre o que compreenderam a respeito de ditadura militar, associando as leituras, discussões e o depoimento do Sr. Antônio.

No quarto momento os(as) estudantes assistiram a um documentário⁹ referente à violência contra as mulheres na ditadura militar. Esse documentário contém o depoimento de mulheres que sofreram tortura durante a ditadura militar brasileira. Após assistir ao documentário, os(as) estudantes foram encaminhados(as) ao laboratório de informática para realizarem pesquisa sobre a participação das mulheres no período da ditadura militar, confrontando as informações obtidas até aquele momento.

A quinta parte da sequência didática foi utilizada para debate sobre o documentário assistido e as informações selecionadas durante a pesquisa, com intenção de refletir a respeito das várias fontes analisadas. Essa discussão foi importante para alicerçar a próxima atividade, na qual os(as) estudantes tiveram de reelaborar os textos iniciais com as novas informações para as posteriores análises. As narrativas obtidas por meio dessa atividade evidenciaram algumas transformações de olhares, conforme pode ser conferido na análise a seguir.

A elaboração e o desenvolvimento das sequências didáticas supracitadas intencionaram contribuir com a promoção de debates, tanto no meio acadêmico quanto no âmbito escolar, sobre a desnaturalização de alguns conceitos enraizados socialmente sobre o papel de mulheres e homens na construção histórica e cultural da sociedade a que pertencem, bem como oferecer como subsídio pedagógico a outros e outras colegas, uma proposta de trabalho na qual se discutiu gênero e o papel e representação das mulheres na história do Brasil.

Análise da sequência didática

A sequência didática aqui apresentada foi organizada em três atividades. A primeira foi uma pesquisa realizada pelos(as) estudantes em redes sociais (universo dominado pelos(as) adolescentes), na qual deveriam buscar opiniões diversas acerca do retorno da ditadura militar (movimento que vem sendo discutido em canais digitais). Em seguida, os(as) estudantes expressaram opiniões sobre o assunto. Entre os meninos e as meninas houve significativa diferença de ideias e opiniões, como explicita o quadro 1:

Quadro 1 – Favoráveis e contrários ao regime ditatorial:

IDÉIAS HISTÓRICAS	MENINOS	MENINAS
Contra o retorno da ditadura militar	1	6
A favor do retorno da ditadura militar	2	–
Indecisos(as)	1	1

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

A maioria das meninas é contra o retorno da ditadura, apenas uma se mostra em dúvida sobre o assunto em razão do que entende do momento político atual: “A questão da volta da ditadura militar possui seus pontos negativos e positivos, tais como houve mais rigidez, e era cumprido o que se pedia. Mas também havia bastante censura” (Larissa Maiane, 2015).

As outras meninas argumentaram, principalmente, a violência e o regresso democrático: “Sou contra o retorno da ditadura, olha só o que mulheres como nós já passamos nas mãos desses homens ruins que existem e que existiam” (Monica, 2015). É notória a experiência da história vivida em conexão com a história estudada. “Se houvesse um retorno da ditadura, seria mais um regresso no nosso país” (Fabiana, 2015).

Já os meninos expressaram opiniões favoráveis ao retorno do regime militar, em sua maioria, justificado a partir da ordem e da ausência de corrupção que julgavam ser verdadeiras, por exemplo:

Sou a favor porque o Brasil não era melhor, mas tinha disciplina. Hoje virou tudo uma baderna, impunidade e roubalheira tomaram conta. E eu não vejo mudança, só se mudar o governo. Pelo menos ia acabar com a corrupção, com a bandidagem, ia mudar tudo. Por isso, eu sou a favor da ditadura militar (Gabriel Bueno, 2015).

Um dos estudantes se posicionou contrário ao retorno da ditadura militar, argumentando: “Sou totalmente contra a ditadura militar. Eu não queria ser governado por militares porque eles já causaram muita rebeldia no nosso país” (Ozeias, 2015). Essa atividade revelou, especialmente, falta de informação e influência negativa de canais digitais sobre informações contidas em relação à ditadura militar. Devido ao momento político vivido no Brasil (crise econômica e política), as informações em redes sociais e na *internet* chegam, em sua grande maioria, de maneira tendenciosa. Muitas vezes trata-se da única informação acessada fora do ambiente escolar pelos(as) estudantes.

É evidente a diferença do posicionamento das meninas em relação aos meninos. O esclarecimento de elementos históricos, o discernimento sobre notícias veiculadas em mídias digitais são perceptíveis em maior número nas narrativas femininas. Os meninos aceitaram as informações sem maiores questionamentos, já as meninas duvidaram e indagaram com maior intensidade. Nesse sentido, compreende-se a importância do uso do gênero como categoria de análise. É necessário pensar a partir da história das mulheres de modo relacional, considerando-se as dinâmicas estabelecidas historicamente não apenas com os homens, mas também com outras mulheres, em diferentes âmbitos e relações de poder. Entende-se que o crescimento de estudos sobre a história das mulheres demanda uma concepção concisa “que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes” (SCOTT, 1990, p. 5). Rupturas essas percebidas na comunidade em que o estudo foi realizado.

A segunda atividade proposta ocorreu a partir da análise da entrevista cedida pelo *opa* Antônio Hiller, avô de uma das estudantes. O Sr. Antônio relatou sua experiência de vida durante os anos da ditadura militar. O relato do *opa* resultou em textos nos quais os(as) estudantes expressaram suas impressões acerca do período. O *opa* incorreu em alguns equívocos históricos, possivelmente em razão das informações que chegavam à população naquele período, como associar o aumento da inflação com a inserção de comunistas no governo. Os(as) estudantes perceberam e refletiram sobre tais equívocos.

Um elemento importante no uso da entrevista como instrumento da pesquisa foi a constatação de não haver mulheres dispostas a falar sobre o momento estudado. A cidade onde ocorreu o trabalho tem como característica a colonização alemã (orgulho dos moradores), extremamente conservadora, com funções claras para mulheres e para homens. Local de difícil inserção da discussão de gênero, portanto a grande maioria das mulheres prefere não se manifestar, deixando o protagonismo aos seus maridos.

Nesse contexto a responsabilidade da escola é ainda maior, pois, como enfatiza Guacira Lopes Louro (1997), os olhares devem se voltar para as práticas cotidianas dos sujeitos, já que é dessa maneira que se identificam os equívocos cometidos no processo de fabricação dos sujeitos, compreendendo a escola como instituição responsável por essa ação. É necessário indagar também sobre o que é ensinado e como ensinamos, para que essas naturalizações de comportamentos possam ser questionadas na prática pedagógica.

A violência relatada é destacada em todas narrativas dos(as) estudantes e as opiniões de meninas e meninos não divergem muito, no entanto elas observam a violência em maior número, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 – Reflexões acerca da entrevista do Sr. Antônio Hiller.

IDEIAS HISTÓRICAS	MENINOS	MENINAS
Violência	4	10
Censura	1	4
Crise econômica	1	3
Influência da mídia sobre a população	1	–

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

A análise da entrevista do *opa* Antônio trouxe várias reflexões aos(às) estudantes. Para além do pensar a ditadura militar, também se observou a importância do testemunho no processo investigativo do passado. Apesar de ter sido apenas uma entrevista na sequência didática, os(as) estudantes puderam ter uma breve ideia das possibilidades se compreender determinadas experiências por meio de memórias, relatos. Compreende-se que o uso de relatos orais não apenas em pesquisas, mas também em sala de aula, como recursos didáticos pode possibilitar “à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma” (FERREIRA; AMADO, p. 15, 1998). As autoras assinalam o que os(as) estudantes perceberam na entrevista do *opa*: as particularidades do depoimento não se encontrariam em registros da História.

A marca evidenciada nas narrativas foi a violência cometida pelos militares no período da ditadura militar, como ressaltam as estudantes. “O opa nos conta que foi um tempo difícil, um tempo no qual morreu muita gente inocente, a base da tortura. Ele destaca que as pessoas eram condenadas à morte. Sem sentimento algum, usavam métodos violentos” (Gabriela, 2015).

Uma das narrativas assinalou a violência contra as mulheres: “O opa nos contou sobre a violência, manifestações e agressões contra as mulheres” (Helton, 2015). As ameaças à ordem social: “Havia muita tortura, onde ameaçavam a sociedade” (Gabriel Valente, 2015). E a barbárie sem olhar a quem: “E os militares não se importavam se eram crianças, jovens ou mais velhos, se meteu com eles ia pra bala sem dó nem piedade” (Gabriel Bueno, 2015).

Outro ponto relevante extraído do depoimento do *opa* foi a questão da crise econômica que o Brasil enfrentava no período. Ele foi enfático ao dizer de sua preocupação com os preços que subiam com muita frequência, e os(as) estudantes pontuaram tal observação em suas narrativas: “Sem esquecer, que durante esse governo a economia do país estava difícil, no auge da inflação, as desigualdades sociais só aumentavam” (Larissa Morgana, 2015). “O opa falou que os produtos aumentavam todo dia (preços) e quem não obedecia os militares era torturado, às vezes até a morte” (Gabriel Bueno, 2015). Outrossim, o período de recuperação econômica também foi citado e lembrado no texto das estudantes, com ressalvas: “No começo do regime militar a inflação tomava conta de toda a nação e para tentar superar esse problema os militares abririam a economia para o capital estrangeiro, buscaram financiamentos no exterior e realizaram grandes obras” (Daniela, 2015).

A censura foi destacada em vários textos como algo tão violento quanto as torturas: “O regime militar implantou a perseguição policial com extrema violência. Homens e mulheres

foram presos, entre eles sindicalistas, militantes de partidos de esquerda, artistas e intelectuais” (Karoline, 2015). “Muitos artistas, músicos, jornalistas tiveram que obedecer ordens militares, tudo deveria ser passado à sociedade do jeito que eles queriam” (Gabriela, 2015).

“Temem a volta da ditadura militar pelo tamanho da rigurosidade exagerada que se tinha, por isso não poder se expressar do jeito que queria, sendo que hoje em dia se tem essa liberdade” (Larissa Maiane, 2015). A estudante percebe a violência do período, no entanto acredita que pode ter havido algo positivo. Assim como outro estudante ao afirmar que: “Podemos compreender que não era uma época muito boa, pois as pessoas não tinham direito de expressão, tinham que fazer tudo que os militares queriam, senão pagavam um preço alto por isso, mas creio que tinha seus lados bons também” (Miguel, 2015).

A análise da entrevista também coadunou com discussões feitas em sala de aula, quando se falou a respeito de quais informações realmente chegavam até a população, bem como sobre a veracidade dessas informações e o jogo de interesses que perpassava as estratégias do poderio do governo militar. “As pessoas já eram manipuladas pela TV e pela rádio naquela época” (Gabriel Bueno, 2015).

A última atividade da sequência didática foi a análise de um documentário no qual mulheres torturadas na ditadura militar davam seus depoimentos sobre aquele momento de suas vidas. O vídeo impactou muito a visão relativa ao período expresso nas narrativas dos(as) estudantes. Houve estudantes que pensavam ter havido pontos positivos em algum momento do processo ditatorial e mudaram de ideia após assistir ao documentário.

Quadro 3 – As impressões sobre os relatos de tortura.

IDEIAS HISTÓRICAS	MENINOS	MENINAS
Violência	4	10
Censura	1	4
Crise econômica	1	3
Influência da mídia sobre a população	1	–

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

A violência marcou todas as narrativas. Os(as) estudantes ficaram impressionados com os relatos das mulheres sobre as torturas a que eram submetidas. “Na ditadura as mulheres foram covardemente violentadas e estupradas, tiveram seus filhos tirados e ameaçados” (Fabiana,

2015). A estudante ressalta a violência sexual e, ainda, fica indignada com a forma de governar em um regime ditatorial: “E várias mulheres tinham jacarés deitados em cima de seus corpos. E pensando nesses assuntos, a gente vê como eram ridículas as formas de governar na época” (Fabiana, 2015).

O uso de animais ferozes nos rituais de tortura também chamou atenção dos(as) estudantes:

Mulheres sendo agredidas, sendo torturadas, abusadas. Relatos contam que os militares usavam jacarés e jiboias, e colocavam sobre seus corpos. Faziam chantagens dentre as mulheres que já tinham filhos, eram obrigadas a presenciar os militares, fazendo pouco de seus filhos e delas mesmas. (Gabriela, 2015).

A violência e as formas como procediam chocaram e fizeram com que os(as) estudantes refletissem sobre essas atitudes. O estudante repete essa informação recortada a seguir, tamanho o espanto causado. “Eles colocavam jacarés em cima das mulheres, abusavam sexualmente, batiam e davam choque” (Cristian, 2015).

A crise econômica que assolou o país depois da falência do milagre econômico foi outro item observado nessa atividade.

A ditadura militar foi o período político mais duro já enfrentado pela população brasileira. Nenhuma crise, nenhum déficit econômico pode retratar as dificuldades enfrentadas, e o sofrimento pelo qual homens e mulheres passaram. [...] As mulheres eram as que mais sofriam, perseguidas por serem militantes, eram vistas nos DOCS como objetos sexuais para os militares. Estupro, choques, pau de arara, jacarés eram algumas das formas de tortura. Um período de horrores para a população, que fica marcado na memória daqueles que viveram e passaram por esse período (Jaqueline, 2015).

A estudante a seguir, em tom indignado, narra com tristeza suas impressões sobre os depoimentos das mulheres que sofreram tortura na ditadura militar:

Esse período da ditadura militar e a participação das mulheres nele, nos anos de 1964 a 1985, foram marcados por atos horrendos contra as mulheres, e muitas dessas mulheres que sofreram e participaram desse período hoje relatam o que acontecia com elas, com tristeza e raiva, elas descrevem os momentos de tensão e sofrimento. Nos contam para sabermos a realidade de tais anos e o medo que elas passavam dias e noites. Essas mulheres eram presas, torturadas, estupradas, violentadas e vistas pelos homens como objetos sexuais. [...] Tiravam das mães os seus filhos que usavam para chantagens, chegavam pôr em cima de seus corpos, bichos, tais como jacarés e jiboias. Isso tudo destruía as mulheres tanto física quanto psicologicamente. Eram simplesmente tratadas como lixo, por não se importarem com suas vontades e sentimentos (Larissa Maiane, 2015).

Para refletir sobre toda a indignação revelada nos textos dos(as) estudantes, recrutou-se a professora Cristina Scheibe Wolff (2013, p. 444) para uma análise que vai além da violência

que essas mulheres sofreram na ditadura militar, pois a própria história traz com mais veemência a versão da agredida do que a da lutadora. “No máximo elas aparecem como vítimas de violência, mães de soldados ou enfermeiras dedicadas”.

Para além disso, Joana Maria Pedro (2013) discute a chamada “Segunda Onda” do feminismo, que no processo de ditadura militar no Brasil reivindicou direitos políticos, econômicos e educacionais de forma combativa, pois a repressão por parte do governo era ainda mais intensa. Assim, a luta feminista, por sua inserção social, se deu a partir dos grupos de oposição ao governo, que contavam com a efetiva participação de mulheres. Envolvidas em grupos de movimentos de mulheres e na militância feminista, reivindicavam questões relativas ao trabalho. Outras pautas dos movimentos também ganharam força posteriormente, como as questões da sexualidade, do corpo e da violência contra mulheres (PEDRO, 2013, p. 240). Nesse sentido, o protagonismo feminino na luta contra a ditadura militar foi intenso e efetivo, contrariando a maioria dos registros a respeito desse período da história do Brasil.

No próximo texto, além dos aspectos abordados, a estudante também relata a importância do trabalho realizado em sala de aula, no que diz respeito à história das mulheres. Ela aborda a censura, observando como a violência era disseminada de diversas maneiras:

A ditadura militar foi um período de muita violência. Como vimos em toda nossa pesquisa, as pessoas perderam o direito de expressar suas opiniões. Os relatos de tortura que ouvimos, principalmente por parte das mulheres, são absurdos. Não só a violência física, mas a violência psicológica que sofreram e que muitas ainda trazem em suas memórias. Muitas contam que perderam a virgindade sendo estupradas por militares, que logo após o ato as humilhavam dizendo que não serviam para o prazer. A liberdade de expressão deixou de existir no período da ditadura, as pessoas eram obrigadas a se calarem diante dos militares e os meios de comunicação forma censurados. A ditadura foi marcada pela repressão da liberdade e pela violência como ato constante na vida da maioria da população (Daniela, 2015).

A violência relatada no documentário e expressa nas narrativas dos(as) estudantes remete ao presente no texto dessa estudante. A violência doméstica foi marcada de forma bastante significativa, deixando abertura para que se abordasse o tema em sala de aula. Aqui se observa um cenário que parece próximo ao cotidiano da estudante. A preocupação expressa na narrativa sobre a violência doméstica nos dias atuais remete ao encontro da história estudada com a história vivida pelas mulheres. “Isso não aconteceu só antigamente, pois lá quem estuprava as mulheres eram os militares, já nos dias de hoje tem pais, padres, médicos, policiais, afinal temos que cuidar com as pessoas que estão mais perto da gente” (Monica, 2015).

O trecho a seguir revela uma mudança significativa de postura frente ao evento da ditadura militar. O estudante, em atividades anteriores, havia se posicionado favorável ao retorno do regime, mas agora deixa claro que a violência utilizada no período e a forma de governar o país não devem voltar de maneira alguma: “Hoje em dia quem pede pelo regime militar não tem o conhecimento de como era antes. Onde [sic] as pessoas não tinham liberdade nenhuma e sofriam muita tortura” (Gabriel Valente, 2015).

O próximo texto também é de um estudante que se posicionara a favor do retorno do regime militar e após assistir aos depoimentos das mulheres mudou de ideia, compreendendo que um governo violento e opressor não é a solução para os problemas do Brasil.

A época ditatorial foi muito difícil, diria que foi bom e ruim. Bom no quesito de obras, de não ter tanta corrupção e ruim principalmente na questão de não poder ser livre, não ter nenhum direito de expressão. O período da ditadura não foi nada fácil, mas foi importante para o Brasil passar por essa fase, pois hoje em dia isso serve de exemplo para a população ver que não precisamos de mais uma ditadura militar, podemos mudar o Brasil de uma forma pacífica, basta que todos os brasileiros lutem juntos (Miguel, 2015).

A violência física contra as mulheres foi a marca maior de todos os textos: “As mulheres sofreram violência durante a ditadura, os militares usavam a crueldade para torturar as mulheres” (Ozéias, 2015). A visão dos(as) estudantes focou a violência, pois os testemunhos das mulheres torturadas enfatizavam a crueldade como eram tratadas quando presas. No entanto, o que ainda se discutiu foi acerca da resistência dessas mulheres, pois a dificuldade não existia apenas na luta contra a ditadura militar, mas também na credibilidade dos próprios companheiros de esquerda, como destaca Cristina Scheibe Wolff: “Vários testemunhos de mulheres que participaram das organizações de esquerda armada revelam algum ressentimento contra essas organizações por não darem a elas as mesmas chances dadas aos homens” (2013, p. 443).

Foi impactante o trabalho da sequência didática e seus resultados foram positivos. Os(as) estudantes, a partir de todas as reflexões, puderam perceber o momento histórico que o Brasil viveu de maneira muito ampla. O material didático, a entrevista do *opa* e o documentário fizeram com que percebessem, para além do que foi o regime militar no Brasil, a maneira diversa que temos para estudar e analisar um período histórico. As várias formas de se aproximar de um passado que não viveram. A participação feminina na luta contra o regime opressor também ficou evidente nas narrativas, proporcionando uma transformação de olhares acerca da importância das mulheres na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora as questões levantadas nesse estudo não possam ser generalizadas, acredita-se que possam contribuir para discussões sobre a necessidade de se trabalhar com a história das mulheres e relações de gênero, mesmo quando esses temas não estão tratados nos livros didáticos. Debater e estudar temas nesse âmbito pode contribuir para mudanças nas ideias históricas dos(as) estudantes. No estudo apresentado observou-se que a maioria dos(as) estudantes procurou elaborar seus argumentos de modo mais abrangente, dando espaço para perceber a história de modo mais dinâmico, passível de ter narrativas reconstruídas por meio de informações diferentes, conflitantes até. Nessa direção, uma das questões que ficaram bem evidentes nos debates em sala de aula foi a constatação de que as redes sociais nem sempre são fontes seguras de informação, que as notícias lidas ali precisam ser colididas com outras a fim de verificação.

O ensino de História em sala de aula deve necessariamente passar pelo desenvolvimento do pensamento histórico, que inclui que estudantes e docentes façam inferências sobre documentos variados, construam hipóteses, argumentos e, mais importante, coloquem sob suspeição determinadas narrativas. A disseminação nas redes sociais de argumentos que apoiam o movimento “Escola sem Partido” pôde ser questionada a partir das atividades propostas, o que valorizou ainda mais a iniciativa de se pensar as questões de gênero e a história das mulheres em sala de aula.

Observa-se a partir das atividades propostas e realizadas com a turma o interesse pela descoberta. Os(as) estudantes, tanto nas primeiras narrativas escritas quanto em suas intervenções orais em sala de aula, se mostraram por vezes surpresos(as) com informações a respeito das mulheres, especialmente acerca dos enfrentamentos à ditadura militar. A bravura e coragem passam a ser características femininas, desnaturalizando a fragilidade como parte do perfil das mulheres exclusivamente. Estas se encontravam em luta por seus direitos, porém essa condição de resistência não consta de forma clara nos manuais didáticos.

Os(as) jovens se percebem agentes desse processo de secundarização do papel das mulheres na sociedade, quando relatam a maneira como as mulheres são rotuladas, inclusive em suas famílias. A mãe na maioria das vezes é a culpada pelo uniforme sujo, o atraso foi devido à ausência do pai em casa, quando o carro não funcionou. Estes, entre tantos outros exemplos, ilustram de maneira evidente a divisão de papéis sociais entre homens e mulheres.

Causam incômodo quando percebidos a partir de um olhar mais apurado e livre do enraizamento cultural do preconceito e das naturalizações que estão em combate nesse trabalho.

Da mesma forma, o sistema escolar continua fazendo uma série de distinções sob novas roupagens, hoje com a tentativa de apoio legal, buscando criminalizar professores e professoras que discutam em sala de aula temas que possam remeter as lutas por direitos e combates a preconceitos, ou seja, a escola ainda é palco de dominação de elites e continua marcando diferenças, hoje de forma mais discreta que no passado, no entanto ainda se escolarizam e distinguem-se corpos e mentes.

Portanto, é necessário que o ensino, tanto de História quanto de outras disciplinas, mobilize metodologias de trabalho que venham a combater práticas naturalizadas no espaço escolar. Acredita-se que uma das tarefas mais urgentes consiste em desconfiar do que é tomado como naturalmente dado. Essa observação remete, exatamente, aos anseios do trabalho desenvolvido na Educação Básica, pois se buscou uma transformação que venha tornar o trabalho docente mais exitoso e o sistema escolar mais justo e igualitário no que tange às questões humanas.

O momento sensível que vive a educação brasileira traz à tona com mais veemência a necessidade de se tratar de assuntos como as ditaduras militares, bem como a atuação feminina nos movimentos, os feminismos e as questões de gênero. É urgente também compreender o olhar e o entendimento dos jovens em relação a esses temas. Num período em que tentam calar vozes com movimentos como o “Escola sem Partido”, ao mesmo tempo que procuram arrebanhar especialmente jovens para esse ou esses projetos conservadores e de censura, o trabalho na escola básica urge por discussões que possam mover atitudes que combatam a mordaza que querem nos impor, legalizando o silêncio nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras**. HISTÓRIA Porto, III Série, vol. 2, 2001, p. 13-21.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. **A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica**: da aula sequência didática à unidade temática investigativa. 2007. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/158-4.pdf>> Acesso em 23 fev. 2015.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (orgs.). Apresentação. In: **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp vii – xxv.

FERREIRA, Angela Ribeiro. Representações da história das mulheres no Brasil em livros didáticos de História. 149 fl. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp093527.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2017.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MIRANDA, Anadir dos Reis. Reflexões sobre Mulheres, Gênero e Aprendizagem Histórica. **Revista Históriae**, Rio Grande, v. 4, n. 2, 2013.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>>. Acesso em 22 set. 2015.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **Revista: História da historiografia**. Número 2, mar 2009. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 93-108.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, Tânia Braga. Perspectivas da Didática na Educação Histórica. In: 29ª Reunião anual da ANPED, 2006, Caxambu, Minas Gerais. **Educação Cultura e conhecimento na contemporaneidade**: desafios e compromissos. Rio de Janeiro: ANPED, 2006, p. 1-12.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>>. Acesso em 22 set. 2015.

SILVA, Cristiani Bereta da. O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero nos livros didáticos de história. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 1, p. 219-246, jan./jul. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/440/409>>. Acesso em 13 jan. 2017.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge. **História 3**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

WOLFF Cristina Scheibe. O Gênero da Esquerda em tempos de Ditadura. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF Cristina Scheibe. **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p.138-155.

Amazonas, soldadas, sertanejas, guerrilheiras. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 423-446.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Notas

¹ Fundado pelo advogado e procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib, o movimento se diz “preocupado com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”. Convertendo toda e qualquer discussão sobre diversidade sexual e de gênero, desigualdades sociais e outras formas de relações de poder em “doutrinação” e “ideologia”, o movimento prega uma pretensa neutralidade no ensino e incita os pais a “defenderem seus filhos” levando professores e escolas ao tribunal. Ver: <<http://www.escolasempartido.org/quem-somos>>. Acesso em 27 jun. 2016.

² O município de Braço do Trombudo tem população de 3.600 habitantes e fica a 204 km de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,78 (Sendo a média catarinense 0,774 e a brasileira 0,755). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

³ Todo o processo foi realizado a partir de autorização prévia dos pais e mães dos(as) estudantes para o uso dos textos e imagens deles(as), e toda a pesquisa foi devidamente submetida ao Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

⁴ Neste artigo será apresentada apenas uma das sequências didáticas aplicadas.

⁵ Presidente do Brasil com o primeiro mandato do ano de 2002 a 2005 e o segundo de 2006 a 2009, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

⁶ Presidenta do Brasil (eleita pelo PT) com o primeiro mandato do ano de 2010 a 2014 e o segundo iniciado em 2015 e impedida de seguir exercendo o cargo em 2016.

⁷ Antônio Hiller, agricultor aposentado, 76 anos, avô de uma das estudantes da turma de terceiro ano participante da pesquisa, que se dispôs a contar sua experiência no período da ditadura militar brasileira.

⁸ Opa é o nome dado ao avô em comunidades de imigração alemã.

⁹ Memórias femininas da luta contra a ditadura militar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YWtuhUsn5ao>> Acesso em: 23 mar. 2015.